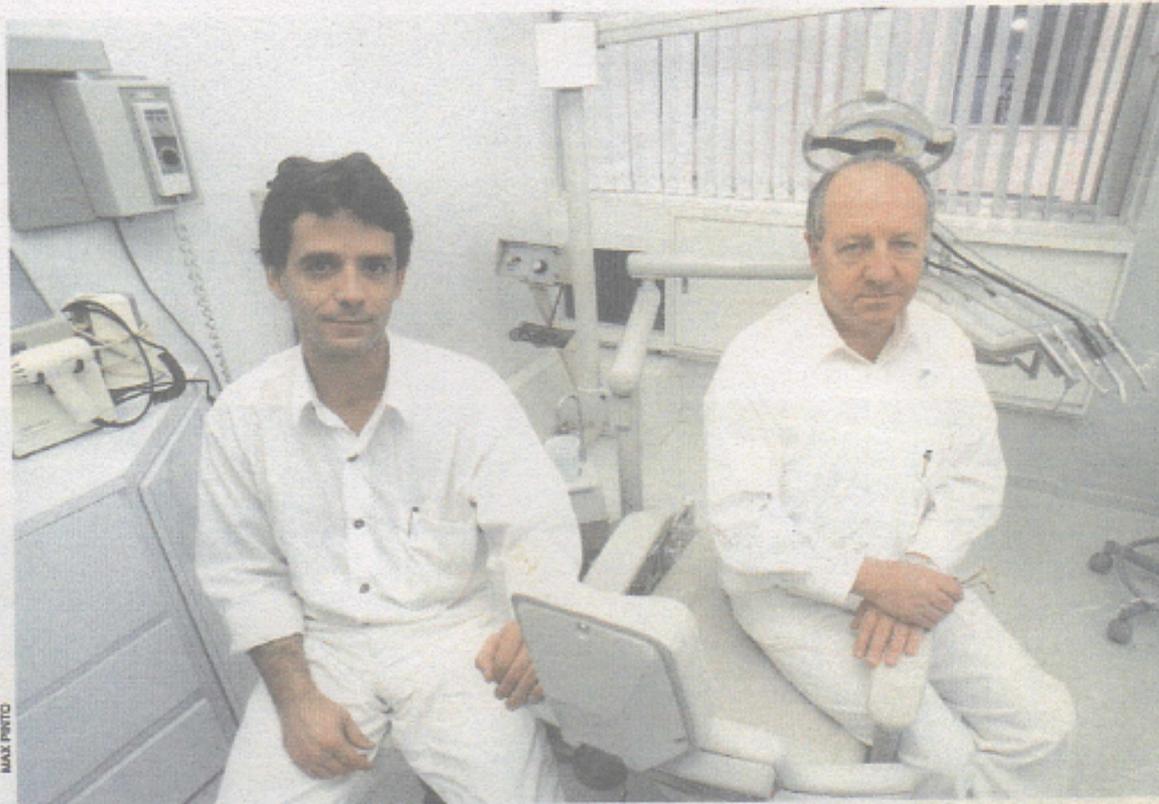


Sorriso perfeito

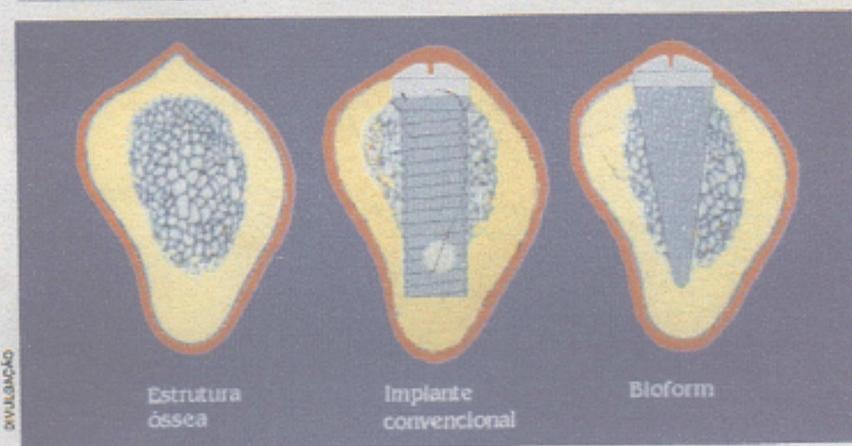
Brasileiros desenvolvem técnica de implante para quem deseja um dente novo, mas possui pouca estrutura óssea

Um novo modelo de implante dentário criado por um especialista brasileiro torna-se cada vez mais uma boa alternativa para quem deseja repor dentes perdidos, mas dispõe de pouca estrutura óssea. Batizada com o complexo nome de "implante osteointegrado de titânio cuneiforme", também chamada de Bioform, a técnica foi desenvolvida pelo cirurgião Clóvis Cruz Reis, de Juiz de Fora, em Minas Gerais, e está sendo utilizada por cirurgiões-dentistas de São Paulo. A grande vantagem do procedimento – permitir o implante, mesmo que o paciente possua pouco osso – é uma espécie de presente para os brasileiros. Isso porque, sabe-se há bastante tempo, saúde bucal não é uma prioridade no País. A falta de cuidado leva milhares de pessoas a perderem seus dentes muito cedo, um mal que, entre outras coisas, provoca uma perda óssea considerável. Sem função, o osso simplesmente é reabsorvido pelo organismo e vai desaparecendo aos poucos.

A pequena quantidade de osso em muitos casos impossibilita a realização do implante convencional. "Às vezes não há base para a fixação da estrutura de titânio", explica o cirurgião-dentista Paulo Afonso Bastos de Aguiar, um dos que aplicam a técnica, juntamente com o colega cirurgião-dentista Adelino Francisco Lourenço. O novo implante é possível mesmo com pouca estrutura óssea por alguns motivos. O que os especialistas fazem é abrir no tecido ósseo o que eles chamam de "loja cirúrgica". Com instrumentos desenvolvidos especialmente com esse objetivo, os cirurgiões promovem a expansão do osso e esculpem nele o espaço necessário para a colocação do pino de titânio. Outra inovação fica por conta do próprio formato do implante. Enquanto os tradicionais possuem uma base arredondada e uma



MAX FREITO



Estrutura óssea

Implante convencional

Bioform

cie de parafuso, com o mesmo diâmetro na base e na extremidade, as peças criadas pelo dentista Clóvis Cruz Reis apresentam desenho parecido com o da raiz dentária. Ou seja, são mais largas na base e se afinam na direção da raiz. Também por essa característica, acabam necessitando de menor quantidade de osso para a fixação.

Essas estruturas, que mais se parecem com um cone invertido, são indicadas para implantes na parte da frente da boca. Para o fundo, também foram desenhadas peças especiais. Elas têm o formato de um minissubmarino e são levemente arqueadas, acompanhando o próprio relevo da região. "Em um solo ruim, um engenheiro faz uma

laje com maior extensão para servir base", compara o cirurgião-dentista Adelino. Depois da colocação, a estrutura óssea cresce em torno do pino de titânio, promove sua total integração e fixação. Mas, para evitar que o tecido gengival invada a área antes que o osso tenha tempo de crescer, os especialistas protegem o local com uma membrana apropriada

Aguiar e Lourenço aderiram ao Bioform, que ocupa menos espaço para fixar a prótese

que fará uma barreira impedirá o crescimento da gengiva onde só deve haver osso (posteriormente a proteção é retirada, cuidado se justifica pelo simples razão de que o

tecido gengival cresce cinco vezes mais rápido do que o tecido ósseo.

Em média, entre quatro e seis meses após a colocação do implante o paciente pode finalmente receber a prótese de dente, que é fixada no pino de titânio totalmente integrado ao tecido ósseo. A técnica está sendo desenvolvida pelos cirurgiões há cerca de três anos e os resultados, segundo os especialistas, bastante animadores. "Por meio deste procedimento, estamos conseguindo a reabilitação dos pacientes, inclusive aqueles com estruturas ósseas muito fracas", comemora Adelino.

CILENE PEREIRA